

**“OSTENTAÇÃO, FORA DO NORMAL”:
UMA ANÁLISE SOBRE AS CONTRADIÇÕES DO CAMPO
SIMBÓLICO E A IDEOLOGIA DOMINANTE NO FUNK
OSTENTAÇÃO**

"OSTENTATION OUT OF THIS WORLD":
ANALYSIS ON SYMBOLIC FIELD CON TRADITIONS AND DOMINANT
IDELOGY IN FUNK OSTENTATION

"OSTENTACIÓN FUERA DE LO NORMAL":
ANÁLISIS SOBRE CONTRADICIONES DE CAMPO SIMBÓLICAS E
IDEOLOGÍA DOMINANTE EN LA OSTENTACIÓN DE FUNK

Matheus Felipe Gomes Dias¹

RESUMO

O presente ensaio buscou analisar o funk, sobretudo o funk ostentação, como relação de reprodução da ideologia dominante. Desse modo, inicia-se com uma breve discussão da história e do desenvolvimento do Funk até o surgimento de sua vertente “ostentação”. Destarte, o Funk Ostentação é compreendido com uma vertente do Funk que possui letras carregadas de glamourização, trazendo em seu conteúdo a posse de carros de luxo, de motos, de acesso a locais elitizados e um poder de consumo maior. Ao passo que essa vertente apresenta uma possibilidade de emergir a um status dominante, o Funk Ostentação traz consigo uma perspectiva de apego às tradições, à vida na periferia, à desigualdade social e à luta por ascensão social. Nesse sentido, recorre-se a bibliografias que possibilitem a compreensão desse fenômeno social e todas as particularidades desse processo. Concomitantemente, buscou-se observar a partir das letras do Funk Ostentação, que possibilitassem observar estes elementos.

Palavras-chave: Funk Ostentação. Ideologia. Poder Simbólico.

ABSTRACT

This essay sought to analyze funk, especially funk ostentation as a reproductive relationship of the dominant ideology. Thus, it begins with a brief discussion of the history and development of Funk, until the appearance of its “ostentation” aspect. Thus, Funk Ostentation is understood as a Funk aspect that has lyrics full of glamorization, bringing in its content the possession of luxury cars, motorcycles, access to elite places and greater consumer power. While this strand presents a possibility of emerging into a dominant status, Funk Ostentation brings with it a perspective of attachment to traditions, life on the periphery, social inequality and the struggle for social ascension. In this sense, we use bibliographies that allow the understanding of this social phenomenon and all the particularities of this process. At the same time, we sought to observe from the letters of Funk Ostentation, which made it possible to observe these elements.

Keywords: Ostentation funk. Ideology. Symbolic Power.

¹Estudante de graduação em Ciências Sociais, com habilitação em Bacharelado pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás.

RESUMEN

El presente ensayo buscó analizar el funk, especialmente la ostentación funk como una relación de reproducción de la ideología dominante. Por lo tanto, comienza con una breve discusión sobre la historia y el desarrollo del Funk, hasta la aparición de su aspecto de "ostentación". Por lo tanto, Funk Ostentação se entiende como un aspecto Funk que tiene letras llenas de glamour, que trae en su contenido la posesión de automóviles de lujo, motocicletas, acceso a sitios de élite y mayor poder de consumo. Si bien este capítulo presenta la posibilidad de emerger a un estado dominante, Funk Ostentation trae consigo una perspectiva de apego a las tradiciones, la vida en la periferia, la desigualdad social y la lucha por la ascensión social. En este sentido, utilizamos bibliografías que permiten comprender este fenómeno social y todas las particularidades de este proceso. Al mismo tiempo, buscamos observar a partir de las cartas de Funk Ostentação, lo que hizo posible observar estos elementos.

Palabras clave: Funk ostentación. Ideología. Poder simbólico.

INTRODUÇÃO

O funk carioca ganhou muito espaço nos últimos anos no Brasil. Com a popularização da cultura periférica e a crescente expansão econômica registradas nos últimos anos no Brasil, o funk carioca foi sofrendo diversas mudanças no que diz respeito a possibilidade de representar a ascensão social, exprimindo a possibilidade de superação da pobreza (RESENDE, 2015). Desde o início dos anos 70, o funk passou a ter cada vez mais espaço nas médias e grandes cidades brasileiras. Os bailes das periferias cariocas eram organizados pelas camadas mais pobres da população. Em 1987, como observa Vianna (1990), aconteciam mais de seiscentos bailes funk. Em contradição ao samba e o futebol, o funk não circulava nos círculos da elite carioca. Desse modo, o funk era visto como algo condenável, mas ao longo dos anos de 1990, o funk tornou-se, de acordo com Vianna (1990 p. 244), “uma das diversões mais populares da cidade”. Nesse sentido, a partir da década de 90, o funk rompe os limites do Rio de Janeiro e ganha expressividade em São Paulo (PEREIRA, 2014). Dessa forma, criou-se uma distinção entre o funk no Rio de Janeiro e em São Paulo. Enquanto o funk no Rio de Janeiro é dotado de letras mais melódicas e ritmos mais leves (VIANNA, 1990), o funk em São Paulo assume uma característica marcante da realidade social, da violência, da desigualdade e da busca de ascensão social (PEREIRA, 2014).

Na esteira dessas relações, o funk se expande e se populariza para além dos limites do Rio de Janeiro e São Paulo, incorporando novas letras e ritmos e trazendo aspectos culturais e regionais. Hermano Vianna escreve em 1990 que “tal fenômeno poderia ser interpretado como mais uma imposição da industrial cultural, aqui [no Brasil] representada pelas multinacionais do disco, na sua tentativa maquiavélica de homogeneizar toda a cultura do planeta, destruindo aquilo que resta de autêntico” (VIANNA, 1990, p. 244).

No entanto, para além de uma manifestação hegemônica da indústria cultural, o funk surge como uma tentativa de contestação, de superação da realidade existente e de ascensão social. De acordo com Resende (2015, p. 6)

Com efeito, as músicas dessa vertente do funk brasileiro são concebidas numa proposta estética, social e cultural transgressora, exprimindo sonhos e possibilidades de superação da pobreza por meio das práticas de consumo, revelando também uma nova realidade política e econômica das classes populares do Brasil. A esse respeito, cabe-nos sublinhar que a expansão econômica registrada nos últimos anos, aliada às políticas públicas sociais possibilitaram a mobilidade ascensional das classes populares e de praticamente todos os estratos sociais do País.

O avanço da indústria cultural e a ascensão social a qual as classes mais baixas tiveram desde o final dos anos 90, possibilitaram uma maior aceitação de sua cultura. Nesse sentido, com a criação de políticas públicas que buscassem uma ascensão social e diminuição da pobreza. Dessa forma, a pirâmide de classes econômicas transformou-se radicalmente em um losango com o crescimento da classe média e a melhora do padrão de renda das classes mais pobres (BRAGA, 2012; RESENDE, 2015). Por outro lado, houve também um aumento da desigualdade, o aumento da taxa de letalidade entre as classes mais pobres e uma precarização do trabalho (BRAGA, 2012). Sabe-se, no entanto, que o funk é de origem americana – e nesse sentido caminha a compreensão de Vianna (1990), ao concluir que seria uma tentativa de homogeneizar o mundo -, mas as suas bases mudaram radicalmente a partir do contato da cultura brasileira. Nesse sentido, embora a globalização tenha representado uma forma de ligação e homogeneização das culturas, existem singularidades específicas nessa relação. Por causa disso, mesmo que o funk represente aspectos da globalização, ele não segue a mesma dinâmica sem se adaptar as particularidades culturais (RESENDE, 2016). Dessa forma, o funk se tornou popular no Brasil, de uma forma singular e parcialmente distinta de sua constituição original.

Com base nisso, surge o movimento derivativo do funk carioca: ou seja, o “funk ostentação”. Suas letras, majoritariamente falam sobre vida difícil nas favelas e apontam para uma superação da pobreza e das desigualdades, para o alcance do poder de consumo das classes dominantes, da ascensão social. Ainda nessa questão, o “funk ostentação” possui um ritmo mais eletrônico e em seus cliques, nota-se um ambiente de extremo luxo que os MC’s levam em contraste com a dura vida que viviam na favela.

Dentro disso, o objetivo do presente trabalho é analisar a partir das letras do “funk ostentação” a relação entre campo e poder simbólico na formação das letras e da estética e a construção da consciência social e sua relação com o *self*. Para tanto, recorreremos aos estudos de Bourdieu (1989) e

Giddens (2003) para entender essa relação. Por outro lado, utilizamos estudos relativos ao funk e as letras desse ritmo a fim de empreender uma análise minuciosa do fenômeno.

O “FUNK OSTENTAÇÃO”: UMA DICOTOMIA

O funk, sobretudo o “funk ostentação” faz, cada vez mais, parte da cultura popular. Com as desigualdades sociais se tornando cada vez mais latentes, a música, assim como o futebol, representam formas de ascensão social. Nas médias e grandes cidades brasileiras o funk já conquistou seu espaço no imaginário social (VIANNA, 1990). Dessa forma, para contornar os dilemas – nos quais as classes mais baixas da sociedade brasileira estão condicionadas – o funk surge como uma alternativa de ascensão social.

Com base nisso, Rezende (2015) acrescenta que:

centenas de crianças das classes populares do Brasil visualizam no funk uma brecha de esperança em meio ao cenário de pobreza, miséria, drogas e outros estigmas sociais que acometem os espaços periféricos dos grandes centros urbanos (REZENDE, 2015. p. 4).

Nessa perspectiva, já se pode identificar a ideia de “campo” entendido como “microcosmo social dotado de certa autonomia, com leis e regras específicas, ao mesmo tempo em que influenciado e relacionado a um espaço social mais amplo. É um lugar de luta entre os agentes que o integram e que buscam manter ou alcançar determinadas posições” (PEREIRA, 2015. p. 341), mas também “é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (BOURDIEU, 2004, p. 22-23).

Dessa forma, pode-se compreender como o ambiente (campo) no qual os indivíduos estão inseridos, corrobora para a formação do *habitus* compreendido como:

Sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações e torna possível cumprir tarefas infinitamente diferenciadas, graças à transferência analógica de esquemas (WACQUANT *apud* BOURDIEU, 1972/1977. p. 261).

Nesse sentido, a dura vida das classes populares e a disposição geográfica nas quais elas se encontram (Campo Simbólico), as fazem ter o funk como forma de ascensão social. A partir dessa relação, surge e se constitui o *habitus* como produto do campo no qual está inserido. Ao analisarmos as letras do “funk ostentação”, observaremos que, em sua maioria, as letras dissertam sobre a dura vida que levavam os membros dessa classe e que, com o funk, puderam ascender socialmente.

Essa ascensão é comemorada e tende a inspirar com o argumento de que todos podem alcançar tal prestígio. Observa-se isso na letra da música “passei de Oakley” do Mc Dedé (2016) que diz:

Mais um guerreiro da vida sofrida/Olha como o moleque tá hoje/O sol nasce, uma Juju na face/O moleque na brisa do doce/ [...] Toda Oakley que o moleque lança/A molecadinha gosta/Sua loja lucra, morador usa/Nós continua ditando moda (MC Dedé, 2016).

Em outras letras, observa-se a mesma perspectiva refletida nitidamente ao fundo. Superar os desafios que a realidade social das classes mais baixas impõe não necessariamente significa abandonar as raízes. Bourdieu (1989) caracterizaria isso como uma solidificação dos processos e relações sociais que, mesmo que o indivíduo ascenda socialmente, ele acaba por não abandonar totalmente o campo no qual anteriormente estava inserido.

Por causa disso, a partir das mudanças no “Campo Simbólico” – representadas a partir das mudanças sociais e econômicas – cria-se um novo *habitus*. De acordo com Antunes (1999), desde a ascensão toyotista, as classes sociais foram transformadas em grupos sociais, as perspectivas políticas foram ressignificadas e as disputas políticas passaram a inserir-se nas dinâmicas de identidade. Nesse sentido, pode-se observar no funk uma forma de representação da identidade periférica, da desigualdade social e a tentativa de criar novas relações e perspectivas.

Segundo Resende (2017),

A essência desses movimentos culturais é a presença marcante da emulação do consumo de vestimentas, acessórios, casas e veículos “de marca” e de luxo e a exaltação da ascensão social da periferia paulista. Marcada fortemente por um viés

materialista, o movimento apresentou diversas contraposições ao já tradicional funk carioca. Enquanto o funk carioca expressa a realidade da periferia e das favelas do Rio de Janeiro, o funk ostentação paulista retrata uma suposta superação da pobreza e a ascensão à classe “A” brasileira, com seus padrões de consumo característicos (RESENDE, 2017. p.17).

A ascensão social é o principal produto deste campo. A ideia de que com o funk poderão ter acesso a coisas que antes não tinham, é o fator principal para a adição e constituição do *habitus* nesse grupo social. Com base nisso, encontra-se os estudos de Giddens (2003) acerca da construção da consciência, do *self* e da flexibilidade.

Para o autor, a flexibilidade:

é introduzida na própria base de reprodução do sistema [...] A flexibilidade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter (GIDDENS, 1991, p. 45).

Dessa forma, se compreendermos a perspectiva de ascensão social, pautada na ideia de transformação de classe dos despossuídos para a classe dos possuidores, pode-se observar o que Bourdieu (1989) concebe como reprodução da ideologia dominante pela base do sistema. Nesse sentido, pode-se compreender que o funk, como agente de ascensão social para as classes baixas, quando entra na dinâmica do lucro, passa a reproduzir a ideologia dominante, ou seja, a ideologia burguesa.

Existe então, uma linha tênue entre “o apego às origens” e “a ascensão social” e todas as disposições inerentes ao campo. Se observarmos a música “plaque de 100” do Mc Guimé, poderemos compreender a relação dessa dualidade. Na metade da música, o artista canta “*Nois mantem a humildade,/ Mas nois sempre para tudo*”, posteriormente, acrescenta “*Contando os plaquê de 100, dentro de um Citroën,/Ai nois convida, porque sabe que elas vêm./De transporte nois tá bem, de Hornet ou 1100,/Kawasaki, tem Bandit, Rr tem também*”. (MC GUIMÉ, 2012).

Na primeira parte supracitada, observa-se um claro apego às origens que se manifesta através da ideia de “humildade”, ou seja, mesmo que a música deu condições para que ele pudesse “mudar de vida”, ainda se apegava às origens. Nesse sentido, caminham as ponderações

de Resende (2017. p. 21), ao dizer que “a ascensão social deve ser posta, portanto, em paralelo com a persistência de elementos característicos da identidade sócio-política originária”. Em todas as letras analisadas, observa-se essas características, seja pela linguagem verbal ou as roupas. A segunda parte, expressa outra perspectiva que caminha no sentido que Giddens (1991) pondera, ou seja, uma reprodução da ideologia dominante por parte de membros das classes mais baixas e desprivilegiadas da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, pode-se observar no decorrer da pesquisa que, o “funk ostentação” possibilitou a ascensão social das classes baixas da sociedade brasileira. Antes criminalizado, o funk passou a fazer parte do cotidiano e, dessa forma, passou a ser visto com bons olhos. No que remete ao campo simbólico no qual está inserido, observa-se um senso de pertencimento que mesmo com a ascensão, não possibilita o rompimento dos laços. Nesse sentido, o *habitus* – desenvolvido nesse grupo social – se torna largamente perceptível.

Partindo das considerações de Giddens (1991; 2003) pode-se compreender a dicotomia entre o senso de identidade presente no campo simbólico (Bourdieu, 1989) e a reprodutibilidade da ideologia dominante nas letras dessa de gênero musical.

Assim sendo, o funk “ostentação” caminha na linha tênue entre o apego às tradições e a capitalização de sua arte e a reprodução das perspectivas dominantes. Consideramos, por sua vez, que o funk “ostentação” tem em suas letras as características de identidade e que em nenhum momento as abandonam. Por outro lado, a ideia de que ascensão social ligada à posse de bens materiais, observada nesse gênero, pode ter consequências sérias, uma vez que o imaginário social é constantemente influenciado e, na impossibilidade de se alcançar esse aspecto material, novos e velhos problemas podem surgir no percurso.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.
- BRAGA, Ruy. **A política do Precariado**: do populismo à hegemonia lulista. São Paulo: Boitempo, 2012.
- DEDÉ, Mc. **Passei de Oakley**. 2016. (3min. 05s.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o-PnVNIDz3s>>. Acesso em: 08 dez. 2018.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- _____. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GUIMÉ, Mc. **"Plaque de 100"**. 2012. (2min. 54s.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gyXkaO0DxB8>>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **O manifesto do partido comunista**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- PEREIRA, Elaine A. T. "O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira". **Revista Linhas**, v. 16, n. 32, p. 337-356, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816322015337>> Acesso em: 05 Dez. 2018.
- PEREIRA, Alexandre B. Funk ostentação em São Paulo: imaginação, consumo e novas tecnologias da informação e da comunicação. **Revista Estudos Culturais**, v. 1, n. 1, 2014.
- RESENDE, M. P. D. L. Identidade e consumo: expressões identitárias no "funk ostentação". **Marketing & Tourism**, v. 2, n. 1, p. 1-26, 2017.
- REZENDE, Aline da S. B. Entre o olhar da pobreza e o som da ostentação: os imaginário do consumo na construção midiática da infância na cena musical do funk ostentação. In. **Anais**. São Paulo: Congresso Internacional de Comunicação e Consumo, 2015. Disponível em: <http://anais-comunicon2015.espm.br/GTs/GT3/8_GT3_Aline_Rezende_Criancaeostentacao.pdf> Acessado em: 09 de Dez. 2018.

VIANNA, Hermano. “Funk e Cultura Popular Carioca”. **Estudos Históricos**, vol. 3, n. 6, p. 244-253, 1990.

WACQUANT, Loïc. “Notas para esclarecer a noção de habitus”. **Revista brasileira de sociologia da emoção**, v. 6, n. 16, p. 6-17, 2007.